

# Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 32)

Serra do Pilar, 10 novembro 2016

**P.** Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

**R. Amén!**

**P.** Senhor, vinde em nosso auxílio!

**R. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos!**

**P.** Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!

**R. Como era no princípio, agora e sempre. Amén!**

**Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (Mt 18, 18-20)**

“Em verdade vos digo: Tudo o que ligardes na Terra será ligado no Céu, e tudo o que desligardes na Terra será desligado no Céu.

Digo-vos ainda: Se dois de vós se unirem na Terra para pedir qualquer coisa, hão-de obtê-la de meu Pai que está nos Céus. É que onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles”.

**Salmo 150**

**Aleluia!**

Louvai o Senhor na santidade do seu Templo,  
louvai-O no firmamento do seu poder!

Louvai o Senhor no esplendor das suas obras,  
louvai-O na imensidão da sua grandeza!

Louvai o Senhor com o som das trombetas,  
louvai-O com a harpa e com a cítara!  
Louvai o Senhor com as flautas e as danças,  
louvai-O com as liras, com o tambor!

Louvai o Senhor com os címbalos sonoros,  
louvai-O com os címbalos triunfantes!  
Que todos os seres que vivem e respiram  
proclamem as maravilhas do Senhor!

Glória ao Pai, que nos fala pelas obras,  
e ao Filho, que nos trouxe a Palavra!  
Glória ao Espírito que nos foi dado  
para entendermos as maravilhas do Senhor!

### **Retirava-se para orar**

Jesus nunca se esqueceu da sua experiência no Jordão. No meio da sua intensa atividade como profeta itinerante, procurou sempre para a sua comunicação com Deus o silêncio e a solidão. As fontes cristãs conservaram a memória de um costume que causava profunda impressão: Jesus costumava retirar-se para orar. Não se contentava com rezar nos momentos prescritos para todo o judeu piedoso, mas, pessoalmente, procurava o encontro íntimo e silencioso com o seu Pai. Essa experiência, repetida, mas sempre nova, não era uma obrigação acrescentada ao seu trabalho diário. Era o encontro por que o seu coração de filho ansiava, a fonte em que necessitava de beber para alimentar o seu ser.

Jesus nasceu num povo que sabia orar. Em Israel, não se vivia a crise religiosa que existia noutros povos do império. Não se ouviam motejos contra quem dirigia as suas orações a Deus. Ninguém se ria da oração. Os pagãos rezavam aos seus deuses, mas não sabiam em quem confiavam. À cautela, levantavam altares a todos eles, até aos *deuses desconhecidos*. Tentavam utilizar as diferentes divindades, pronunciando nomes mágicos. Procuravam cansar os deuses com as suas rezas até arrancar deles os seus favores. Se não o conseguissem, chegavam a ameaçá-los e a desprezá-los.

O ambiente que Jesus respirava em Israel era muito diferente. Todo o judeu piedoso começava e terminava o dia confessando a Deus e bendizendo o seu nome. Di-lo o historiador Flávio Josefo: “Duas vezes ao dia, ao amanhecer e ao anoitecer, era necessário recordar, em atitude de ação de graças diante de Deus, o que ele tinha feito desde a saída do Egípto”. Estas orações da manhã e da noite eram um costume arreigado ao tempo de Jesus, tanto na Palestina como na diáspora judaica. Todos os homens se sentiam obrigados a fazê-las a partir dos treze anos. Provavelmente, Jesus nunca deixou passar um dia da sua vida sem fazer a oração da manhã, ao nascer do sol, e a oração da noite, antes de dormir.

Tanto a oração da manhã como a da noite começavam com a recitação da *Shemá*, que não era propriamente uma oração, mas uma profissão de fé. Curiosamente, aquele que rezava não se dirigia a Deus, mas escutava-o: “Escuta, Israel! O Senhor é o nosso Deus: o Senhor é único! Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Estes mandamentos que te apresento estarão no teu coração”. Como escutaria Jesus, cada manhã e cada noite, aquele convite insistente a amar a Deus com todo o coração e com todas as forças! Segundo parece, levava-o profundamente gravado no seu interior, pois o recordava durante o dia e citava explicitamente em ocasiões várias.

A *Shemá* era seguida de uma oração constituída por dezoito bênçãos. Jesus repetia-a duas vezes todos os dias. Algumas das bênçãos obtiveram, sem dúvida alguma, um eco muito profundo no seu coração. Que sentiria aquele profeta, que, durante o dia, comia com os pecadores e indesejáveis, ao pronunciar esta bênção comovedora: “Perdoai-nos, nosso Pai, pois pecámos contra vós. Apagai e afastai dos vossos olhos o nosso pecado, pois a vossa misericórdia é grande. Bendito sejas, Senhor, que abundais em perdão”? Com que confiança e júbilo pronunciaria esta outra bênção, que o convidava, desde manhã, a cicatrizar feridas e a curar doentes: “Curai-nos, Senhor, nosso Deus, de todas as feridas do nosso coração. Afastai de nós a tristeza e as lágrimas. Apressai-vos a curar as nossas feridas. Bendito sejas, vós, que curais as doenças do nosso povo!”. O que sentiria no seu coração quando repetia duas vezes ao dia esta outra: “Reinai só vós sobre nós. Bendito sois, Senhor, que amais a justiça”? E que sentiria ao

invocá-lo assim: “Escutai, Senhor, nosso Deus, a voz da nossa súplica. Mostrai-nos a vossa misericórdia, pois vós sois um Deus bom e misericordioso. Bendito sejais, Senhor, que escutais a oração?”

Jesus não se contentava com cumprir rotineiramente aquele costume generalizado. Às vezes, levantava-se muito cedo e ia para um lugar solitário a orar antes de nascer o sol. Outras vezes, no fim do dia, deixava-os a todos e prolongava a sua oração durante grande parte da noite. Essa oração de Jesus não consistia só em pronunciar as rezas prescritas. Era uma oração sem palavras, mais contemplativa, onde o essencial era o encontro íntimo com Deus. Era por isso que Jesus se refugiava no ambiente de silêncio e solidão.

É pouco o que sabemos sobre a atitude exterior que Jesus adotava quando orava. Fazia-o quase sempre de pé, como qualquer judeu piedoso, em atitude serena e confiada perante Deus, mas as fontes dizem-nos que a noite que passou em Getsémani, na véspera da sua paixão, orou *prostrado por terra*, num gesto de abatimento, mas também de submissão total ao Pai. Jesus exprimia-se diante de Deus com absoluta sinceridade e transparência, inclusivamente com o seu corpo. Segundo parece, tinha o costume de orar *erguendo os olhos ao céu*, coisa que não era frequente no seu tempo, pois os judeus oravam normalmente dirigindo os seus olhos para o templo de Jerusalém, onde, segundo a fé de Israel, habitava a *Shekiná*, isto é, a presença de Deus entre os homens. Ao erguer os olhos ao céu, Jesus orientava o seu coração não para o Deus do templo, mas para o bom Pai de todos. Curiosamente, na *Misná* (livro que recolhia os ensinamentos e regras de conduta prescritos aos judeus) dizia-se que o levantar dos olhos para o céu devia ser acompanhado da aceitação do reino de Deus. Quem levantava os olhos ao céu tinha que dispor o coração para acolher as exigências do reino.

Jesus alimentava a sua vida quotidiana com esta oração contemplativa, saindo, por isso, muito cedo, para um lugar retirado ou passando grande parte da noite a sós com o Pai. Mas as fontes também deixam entrever que no seu trabalho diário continuava em comunhão com ele. Refere-se-nos, por exemplo, que, em certa ocasião, verificando que os mais sábios e inteligentes se fechavam

à mensagem do reino e os mais humildes e ignorantes a aceitavam com uma fé singela, do mais profundo do seu ser brotou uma bênção jubilosa ao Pai. Jesus alegrava-se pelo facto de Deus ser tão bom com os mais pequenos. Não era necessário esperar pela noite para o bendizer. Ali mesmo, no meio daquela gente, proclamou diante de todos o seu louvor a Deus: *Bendigo-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado.* Jesus sabia bendizer a Deus em qualquer momento do dia. E era com toda a espontaneidade que lhe saía essa típica oração judaica denominada *bênção*, que não era propriamente uma ação de graças por qualquer favor recebido, mas um grito do coração para aquele que era a fonte de todo o bem. Ao *bendizer*, o crente judeu orientava tudo para Deus e deixava as coisas entregues à sua bondade original.

Jesus orava também quando curava os doentes. Assim o deixa entender o seu gesto de impor sobre eles as mãos para os abençoar em nome de Deus e envolvê-los na sua misericórdia. E, enquanto as suas mãos abençoavam os que se tinham como amaldiçoados e infundiam força e alento aos que sofriam, o seu coração era para Deus que se levantava, a fim de comunicar aos enfermos a vida que ele próprio recebera do Pai. Com as crianças, costumava repetir o mesmo gesto. Ocasionalmente houve em que Jesus as abraçava e abençoava, impondo-lhes as mãos. Era preciso que as crianças sentissem, antes de quaisquer outros, a ternura de Deus. Enquanto as abençoava, pedia ao Pai o melhor para elas.

A oração de Jesus possuía características inconfundíveis. Era uma oração simples, *no segredo*, sem grandes gestos nem palavras solenes, que não se ficava pelas aparências nem era usada para nutrir o narcisismo ou a hipocrisia. Jesus era diante de Deus que se colocava, não diante dos homens. Não se devia rezar nas praças, para que toda a gente pudesse ver: *Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, ora em segredo a teu Pai, pois ele, que vê o oculto, há de recompensar-te.* Ao mesmo tempo, era uma oração espontânea e natural, que lhe nascia sem esforço e sem técnicas especiais. Era do mais profundo do ser que lhe brotava, não sendo, por isso, algo suplementar ou postiço, mas expressão humilde e sincera daquilo que realmente vivia. A sua

oração também não era uma reza mecânica nem uma repetição quase mágica de palavras. Não se deviam multiplicar as fórmulas, à maneira dos gentios, até *cansar* os deuses, julgando que desse modo eram mais atendidos. Bastava apresentar-se diante de Deus com necessidades: *O vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós Iho pedirdes.*

A oração de Jesus só se podia entender no contexto do reino de Deus. Muito para além das orações habituais prescritas pela piedade judaica, Jesus procurava o encontro com Deus, para acolher o seu reino e torná-lo realidade entre os homens. A sua oração no Getsémani constituiu, provavelmente, o testemunho mais dramático da sua busca incessante da vontade de Deus, mesmo em momentos como aquele que lhe parecia não ter sentido. A sua confiança no Pai era firme, mesmo no meio da angústia. O seu desejo era claro: que Deus fizesse chegar o reino, sem necessidade de sofrimento. Mas a sua decisão de obediência filial era também clara e definitiva. *Abbá, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice. Mas não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres!*

(Pagola - *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 326-331)

### **Oremos (...)**

De ti, ó Pai,  
pelo teu Verbo que baixou ao mundo  
e pelo Espírito que nos santifica  
e nos torna Templos de Deus, recebemos a Vida.  
Que a força que de ti nos veio  
esteja em nossos corações  
a fim de que, com coragem e desassombro,  
com alegria e simplicidade,  
anunciemos e testemunhemos por toda a parte  
o Evangelho da Vida.  
Pelos mesmos Jesus, teu Filho e nosso Irmão,  
e pelo Espírito Santo.  
**Ámen!**